

chegado uma carta anônima na casa da mocinha.

— Mas, hem, Dalva?

— Hmm?

— O sofá. Você não viu ele cavar?

— Vl. Olha, olha, a carta vai dizer que ela pensa que é filha deles, mas não é.

— E como é que você não disse nada?

— Olha a cara dela, olha, ah! pasta de dente outra vez. Tá vendo só? usando essa pasta a carte vai embora; a gente tem que comprar essa pasta.

— Dalva.

— Hmm.

— Como é que você deixou ele cavar o meu sofá?

— Ele é tatu...

— Mas tatu não tem que cavar o tempo todo, Dalva! E não tem, de jeito nenhum, que cavar um sofá que não é dele.

— O Vitor tem. Olha só como a pequena desse cara é bonita.

— Dalva...

— Olha a casa dele que bacana. Nossa, quanto empregado! Olha o carro dele, olha, olha. Ah, e o Vitor que não fuma! ele nunca vai ter uma casa assim, nem um carro assim, nem...
— o caramelo grudou o dente de cima no de baixo e a fala trancou.

— Dalva, quer fazer o favor de me explicar por que que o Vitor tem que cavar?

A Dalva fez força com a boca. O caramelo foi esticando, afinando, esticando, afinando, es-

tourou.

— Bateu o nervoso, ele cava.

— Nervoso por quê?

— Sei lá.

A Dona-da-casa viu que não adiantava perguntar mais nada. Botou a toalha no sofá e foi preparar o jantar.

Durante o jantar a Dona-da-casa não parou de olhar pro sofá. Até que, lá pelas tantas, ela resolveu suspirar:

“Bom, tem gente que rói unha, tem gente que estala dedo; o Vitor cava: paciência!”

E quando no fim de tudo a teve disse boanotte e a Dalva foi dormir, a Dona-da-casa só pediu uma coisa:

— Escuta, meu bem, vê se ele não cava demais, sim?

E daí pra frente, era só o Vitor ir embora que ela ia correndo levantar o almofadão do sofá: será que o buraco tinha aumentado? Tinha. Mas sempre muito bem feito, sem farelinho de pano, sem nada.

* Faz tempo que a Dalva come olhando pra tevê, mas às vezes ainda erra o prato e saiorna uma costinha ou outra.